

O Corpo en-cena

Liliana Donzis

Corpo

A infância é um andaime sobre o qual advém um sujeito e o momento de produção do desejo e dos entraves de gozos. Letras da infância que podem surgir do território do Outro primordial, transmitidas entre gritos e sussurros em melodias de amores e rejeições.

Para Freud, a libido tem sua referência no corpo cuja consistência mantém uma estreita relação com o conceito de pulsão que em suas trajetórias mapeia o erogeneizando.

Nos primeiros tempos do ensino de Lacan, o corpo é imagem de uma superfície, sua virtualidade surge graças a identificação especular constituindo o eu. Concerne a uma *Gestalt* que reúne e contorna. Mais tarde, quando Lacan inventa o objeto *a*, a imagem do corpo ganha vida, está habitada por uma falta, não especularizável.

O significante mortifica o corpo e o simboliza e com a introdução do objeto *a* se esclarece a dimensão do corpo pulsional sujeita à demanda do Outro¹, que ao mesmo tempo deixa um resto não articulável com o significante². Então, se o significante mortifica o corpo e produz o mais de gozar, o significante incide sobre o gozo do corpo.

O corpo se torna erógeno pelo trabalho que a pulsão imprime, na força constante modula enigmáticas formas de satisfação.

"[...] as pulsões são o eco no corpo do fato de que há um dizer. Para que ressoe este dizer, para que consoe [...], é preciso que o corpo seja sensível a isto."³

A criança recebe uma língua entre outras transmitidas por seus parentes próximos. O sujeito se exila da língua materna para construir sua *alíngua*.

A pulsão se produz na infância e inaugura, como diz Freud, a sexualidade infantil. Em tempos instituintes, o pulsional delinea bordas no corpo e derivações de gozo, arma um muro consistente, se escreve no muro, a-muro, pela via do objeto *a*. O corpo advém sensível aos ecos da pulsão⁴.

Porém, quando as bordas reais do contorno do corpo não se instituem produto por falta ou deficiência da identificação especular, surgem os sofrimentos ligados à psicose e aos diferentes fenômenos psicossomáticos. Em certas ocasiões o déficit na constituição do eu promove o efeito que conhecemos como hiperatividade na qual vemos a criança buscar de maneira frenética, com golpes e choques, que seu corpo seja marcado por algum trago que lhe permita um contorno no corpo. Considero a hiperatividade como uma manifestação clínica da pulsão. Esta situa uma fronteira entre a criança e o Outro, faz com que o corpo não somente seja o desejo da mãe⁵. Porém, seu déficit seja a nível da fonte ou da trajetória, provoca sofrimentos que se apresentam como respostas corporais.

O Desenho

¹ Lacan diz que a criança registra como vitórias e derrotas o que recebe do Outro, em especial a educação de seus esfíncteres, gozando, assim, de uma sexualização imaginária de seus orifícios

² Em *Radiofonia*, Lacan diz que o corpo é o *Corpse*, o cadáver - o cadáver é um modo de representar a anulação da libido e do gozo.

³ Jacques Lacan: *O seminário, livro XXIII: El sinthome*, Ed Paidós, Buenos Aires, 2006, pág. 18.

⁴ O corpo é uma superfície, um muro no qual se pode escrever a letra é o objeto *a*.

⁵ É pela falta que habita na mãe que se articula o Nome do Pai. Se esta equação se verifica, também indica que ela não funcionará loucamente em relação a seu filho.

O corpo da criança no brincar, no desenho, no escrever, na análise, se diferencia do corpo do analisante chamado adulto, que significativamente perde o corpo real, enquanto o retém na imagem.

As crianças em análise brincam, desenham, escrevem de corpo presente. O brincar, suporte do dizer infantil, é a cena na qual o corpo entra ou sai, aparece ou desaparece, e este é um dos da estrutura do jogo. No desenho, o corpo real se des-desenha, passando à superfície da folha transformado em imagem. Na escrita, como no desenho, se produz um des-desenhamo do corpo real que o suporta, porém ali a imagem se distorce, ela sofre um novo des-desenhamo em sua passagem aos signos.

O desenho põe a função do olho e a diferença com a função do olhar

Em que consiste a passagem à superfície de uma folha senão na possibilidade de que a identificação se faça traço?

A criança descobre que deixa uma marca no Outro, nas paredes, no corpo do outro, provocando efeitos em seu olhar. Para ele, a parede é uma extensão do corpo do Outro. Em sua passagem de uma borda a uma superfície com borda e limite, o gráfico (grafia) se oferece como uma intermediação entre a criança e o tal é a outro. Do olho ao olhar, tal é a passagem por uma borda que opera como corte no real, na medida que passa de uma escrita a outra.

A criança pequena e aquelas com dificuldades graves, desenha ultrapassando a borda da superfície, a atravessa sem advertir que há um mais além da folha em que desenha, "se vai" do contorno, o que nos põe na pista de que o contorno do corpo ainda não está suficientemente afinado. Contudo, há um momento preciso em que adverte a linha de borda quando escreve e desenha, gerando em ato um limite simbólico na extensão da matéria que até então parecia inumerável e infinita.

Delimitação que desde o real alcança o imaginário, já não se trata de uma continuidade entre real e imaginário senão de um enlace de dois planos distinguíveis.

O desenho diferencia um olho de um olho que olha. A função do olho e o olhar se escandem como no sonho e confluem na cena.

Não somente se requer a maturação óculo-manual para traçar algo sobre uma superfície, também se precise da função da mimesis, a que alimenta na operação da identificação especular - em conjugação com a identificação simbólica e produz uma passagem de uma escritura a outra, não sem a posta em ato. Este trânsito pode ser favorecido pelos outros. Não é o mesmo desenhar na parede que a mãe oferecer uma cartolina grudada nessa parede, demarcando uma borda e um contorno. Também faz diferença o reconhecimento que os outros dão às produções iniciais da criança.

O desenho tem a mesma estrutura que o brincar entanto pode operar como metáfora e substituição a respeito da eficácia definitiva do Nome do Pai. Tem algo de artifício e algo de artificial, no sentido do não natural. O desenho tem o caráter de uma investida e, como o brincar, a representação nos oferece dimensão imaginária.

Na clínica advertimos que é uma verdadeira satisfação quando uma criança pega um lápis e traça uma linha, e nos diz "é um nenê!". O jubilo diante da imagem manifesta o hallazgo de um ponto externo que se interioriza pela via da identificação. O corpo se unifica, a imagem do eu ocupa um lugar no espaço.

O desenho propõe um contorno e dá nome às coisas Aquilo que, na visão de alguém, se vê como uma linha, pode transformar-se. Se desenho um sol com patinhas posso dizer que é uma barata, ou seja, que o nome é contingente ao traço e lhe dá um novo sentido.

A significação liga o traço a uma cena e a um relato despontando a diferença proposta pela ordem fálica. Significações elementares que nos permitem situar o ganho relativo ao desenho, que se converte em sustentação e pivô de uma cena na qual o sexo está velado e ocluído.

O desenho pode ter o estatuto de um jogo em que se enraíza, por vezes, o fantasma ainda não coagulado em tempos da infância, permitindo sustentar um relato apenas propício ao desenvolvimento de uma análise.

iilidonzis@gmail.com